

## JK, OS ANOS DOURADOS

Maria Consuelo Cunha CAMPOS\*

**Resumo:** Releitura do quinquênio desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (JK, 1956-1960), com foco no tripé democracia, crescimento econômico, efervescência cultural.

**Palavras-chave:** Anos Dourados; JK; cultura brasileira.

**Résumé :** Relecture du quinquennat de Juscelino Kubitschek (JK, 1956-1960) à la lumière du « trépied » démocratie, croissance économique, effervescence culturelle.

**Mots-clés :** *Anos Dourados* ; JK ; Culture brésilienne.

### I. INTELECTUAIS E LITERATURA

Meio século depois de seu início, o quinquênio presidencial de Juscelino Kubitschek passa à história do Brasil ratificando seu lema, 50 anos em 5.

Efetivamente, o país cresceu, então, em média, 8% ao ano. No ritmo em que vínhamos nos desenvolvendo até aquela época, seria necessário meio século, dez vezes mais para atingir as metas que JK se fixou. Isto quer dizer que, noutra circunstância, somente agora, em 2006 estaríamos alcançando o que obtivemos até janeiro de 1961.

A combinação de democracia com altos índices de desenvolvimento, num governo civil que completou seu mandato, tem sido a razão apresentada para isto. Uma terceira margem deste rio caudaloso não tem, todavia, recebido o mesmo holofote: o novo papel desempenhado no quinquênio por numerosos intelectuais de todo o porte e que não mais se repetiria na vida política brasileira: a república do escribas, como já foi chamada.

É comum o paralelo entre o antecessor, Getúlio Vargas e JK: ambos queridos pelo povo, modernizadores, etc., como também é frequente, na enumeração das diferenças dos dois (JK sempre eleito, concluiu seu único mandato presidencial, sempre dentro da normalidade democrática, sempre sorridente, etc), passar ao largo do trato de ambos os governantes com os intelectuais.

---

\* Doutora em Letras e Professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: [consuelo@uerj.br](mailto:consuelo@uerj.br)

No primeiro governo Vargas, outro grupo mineiro ocupara o ministério da Educação e Saúde, sob a égide do titular da pasta, o também mineiro Gustavo Capanema, preterido anteriormente por Getúlio para o executivo mineiro e por este levado para o ministério. A geração nascida na primeira década do século XX, com o itabirano Carlos Drummond de Andrade na chefia do gabinete (geração a que pertenciam Juscelino e seu colega de medicina Pedro Nava, os três nascidos entre setembro de 1902 e junho de 1903), que fizera o modernismo, chegava, com Capanema, à ante-sala do poder. Com JK, ela chegaria, de fato, ao 3<sup>o</sup> andar do Catete.

Interregno de prosperidade para as camadas médias da população, imprensado entre a crise desencadeada pelo agosto de 54, que duraria até a posse, em janeiro de 56, e cujo feliz desfecho teria adiado por dez anos o golpe militar que eclodiria em 64, e o espoucar de nova crise, noutro agosto, o de 1961, o governo JK, superados os episódios de Jacareacanga e Aragarças, que tentaram desestabilizá-lo, dedicou-se, da primeira à última hora, ao cumprimento de algo também inédito no país, um plano governamental de metas, realizando-se com êxito nossa 1<sup>a</sup> experiência efetiva de planejamento no poder.

Ao contrário do presidente mais intelectual que nossa república conheceu, o ex-professor de sociologia da USP FHC, ou do escritor José Sarney, JK não era, ele próprio, um escritor, um scholar, um professor universitário com obra citada internacionalmente, embora fosse viajado, tivesse estudado no exterior e não fosse um monoglota. Mas, como herói épico, em sua Odisséia, em sua lenda pessoal, Juscelino conservou tapados seus ouvidos ao mavioso canto das sereias, soprando-lhe a reeleição que efetivamente seduziria FHC.

Na trajetória política de Lula e de seu partido, o PT, desde sua fundação, em 1980, no início do processo de abertura política participaram intelectuais, desejosos de utopia, de um outro mundo mais justo, em aliança com os trabalhadores. Esta fatia da inteligência, entretanto, ou desembarcaria do governo mesmo antes que estourasse a crise de 2005 ou, de fora dele, silenciaria sobre ela, como um ciclo de palestras aqui no Rio se propôs analisar.

Diferentemente de Lula, ex-metalúrgico que, ao contrário de seu colega sindicalista Vicentinho, não voltou, adulto, aos bancos escolares nem cursou universidade quando já não era o retirante pobre na metrópole mas o líder sindical e o parlamentar, JK, também menino pobre e criado pela mãe, graduou-se em medicina, especializou-se em urologia no exterior e soube perceber a utilidade, para seu projeto de poder, de cercar-se de intelectuais, tendo vários deles, dentre os melhores de seu tempo, a serviço do seu governo.

Não me refiro somente aos “ghost writers” mas à participação mais ampla de um apreciável segmento da intelectualidade nacional nos bastidores de seu governo. Com JK, ela deixou de ser a entourage ministerial que fora, com Capanema, na era Vargas e foi instalada no coração mesmo do governo, no núcleo central dele, no Rio de Janeiro.

Embora Vargas tivesse sido acadêmico, JK, que não o foi, tinha ambições literárias e memorialísticas. Ex-seminarista, foi leitor francófilo de Renan, Voltaire, Rousseau, Balzac mas também de Machado de Assis e dos clássicos da língua portuguesa, Vieira, Bernardes. A educação superior pública, de que ele e sua geração mineira são fruto, ainda não havia sido sucateada e sangrada como foi sendo, desde o ensino fundamental à pós-graduação, no país, com raras exceções, desde as décadas perdidas de 80, 90 até o presente.

Pedro Nava, reumatologista e memorialista, poeta bissexto e desenhista contumaz, Carlos Drummond de Andrade são outros exemplos, contemporâneos de JK, desta escolaridade de boa qualidade, infelizmente perdida.

A vida política de JK decorreu durante os anos de guerra fria, quando os EUA ainda disputavam com a URSS a hegemonia militar e geopolítica. A América Latina, neste momento em que a descolonização ainda estava em processo, pôde beneficiar-se – inclusive com investimento de capitais – do temor estadunidense relativamente ao avanço comunista sobre seu quintal (o quinquênio Kubitschek será, inclusive, contemporâneo da revolução cubana).

Ainda durante a Era Vargas, Nelson Rockefeller, a partir de uma viagem que fez à Ásia (onde viu, horrorizado, a brutalidade colonial britânica), imagina a América Latina como laboratório neocolonial da convivência dos valores do “american way of life” com os valores locais, montando uma rede de aliados munidos de ferramentas contemporâneas para o desenvolvimento.

Nos anos 40, governando um estado com potencial simultaneamente agrícola e mineral, o dinamismo do jovem JK faz dele uma figura interessante, como tocador de obras e dínamo da modernização, para este projeto norte-americano.

Já na construção do mito JK, a efigie do ex-presidente, morto em circunstâncias trágicas em 1976, durante o período mais sombrio da ditadura militar, será colocada, em 1985, na volta à democracia e em tempos inflacionários, na nota de CR\$ 100.000,00. Ladeiam-na imagens de uma estrada e de uma hidrelétrica, assim como de prédios (congresso nacional e palácio da Alvorada) de Brasília, que ele construiu.

O escritor Autran Dourado, secretário de imprensa na presidência JK, e que o acompanhou desde o Palácio da Liberdade, menciona a “mania de escritor” de Juscelino. Desde o governo do estado, ele os teve à sua volta, a começar pelo seu chefe de gabinete, o contista Murilo Rubião. Alphonsus de Guimaraens Filho, Fábio Lucas, Afonso Ávila... Na presidência, o subchefe da casa civil será o romancista Cyro dos Anjos, redator das mensagens anuais. O crítico Álvaro Lins trará, como secretário, Francisco de Assis Barbosa. Vem também o então jovem professor universitário e crítico Eduardo Portella, futuro ministro da Educação do governo Figueiredo. O

romancista e acadêmico Josué Montello e o ghost writer predileto do presidente, o poeta Augusto Frederico Schmidt completam o elenco.

Se, fundamentalmente, JK mantivera seu staff intelectual do Palácio da Liberdade - a relação completa de seus integrantes é encontrada no livro Juscelino. Uma história de amor, de João Pinheiro Neto - alguns nomes do então DF iriam se juntar ao grupo, como Álvaro Lins - até então editorialista do jornal Correio da Manhã, além de chefiar a Casa civil - que passou a ajudar na elaboração de discursos e de mensagens.

## II. OS ANOS DOURADOS DA CULTURA E DO ESPORTE BRASILEIROS

O espírito vanguardista do início do século, presente na gênese do Modernismo literário brasileiro, ressurgiu nos anos JK. Em 1958, Décio Pignatari e os irmãos Campos, Haroldo e Augusto, lançam o manifesto “Plano piloto para a poesia concreta” - óbvia alusão ao plano piloto da construção de Brasília. Projeto urbanístico e projeto literário encontram-se no construtivismo com que a poesia visual enfatiza a disposição das palavras ou das sílabas sobre o papel ou sobre qualquer outro suporte físico, como parte do significado do poema.

O poema torna-se, com o Concretismo, um objeto artístico numa sociedade industrial. Intenso experimentalismo, bem como economia de meios, eis o tom da vanguarda.

“Poesia concreta”, como designação dela remonta a 1955, tendo a Exposição Nacional de Arte Concreta acontecido em São Paulo, ao final de 1956, o ano em que JK tomou posse. Em 57, a exposição vem para o Rio, de onde repercute para todo o país.

Além dos três paulistas, outros nomes como os de Ferreira Gullar, Ronaldo Azeredo, Wladimir Dias Pino, integram o movimento concretista, que também reúne escultores e pintores.

Em 1959, surge uma dissidência, o Neoconcretismo, com Ferreira Gullar e Reynaldo Jardim recusando-se a considerar a criação como um mero objeto e rumando para uma arte mais conceitual.

Paralelamente às vanguardas, gêneros tradicionais como a crônica floresciam. Nos jornais e nas grandes revistas da época, como O Cruzeiro, Manchete, cronistas como Rubem Braga, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade pontificavam. Antônio Maria, Sérgio Porto, Nelson Rodrigues, Henrique Pongetti, Paulo Mendes Campos consolidavam a crônica como gênero meio jornalístico meio literário e sempre brasileiro.

1956 é um ano sem igual em lançamentos. Em janeiro, Guimarães Rosa, até então com um único título, publicado dez anos antes, Sagarana, lança *Corpo de baile*, monumental

livro de novelas que depois seria desdobrado em 3 volumes. Em maio, outro monumento, desta vez o romance Grande sertão: veredas.

O poeta João Cabral de Melo Neto publica Duas águas. Fernando Sabino dá-nos o romance Encontro marcado. Outro mineiro, Mário Palmério, lança Vila dos confins. Em 58, o já então sucesso Jorge Amado publica Gabriela, cravo e canela.

No teatro, o Arena paulista renova a dramaturgia brasileira, montando, em 1958, “Eles não usam black tie”, de Gianfrancesco Guarnieri. O Arena realizou, desde então, até 1961, seu seminário de dramaturgia, revelando novos valores como o dramaturgo Vianinha, Boal (que cursara dramaturgia nos EUA), bem como atores, como Nelson Xavier, Flávio Migliaccio, Milton Gonçalves, entre outros.

### III. LETES

Candidatos a cargos eletivos majoritários enfrentam forças oponentes em pleitos. Juscelino Kubitschek, entretanto, para candidatar-se à sucessão de Vargas na presidência da república teve de lutar contra aqueles que queriam impedi-lo de candidatar-se. Tendo vencido, teve de lutar para tomar posse, pois as mesmas forças agora queriam impedi-lo. Empossado, para exercer até o fim seu mandato, enfrentou e venceu duas rebeliões que tinham por objetivo derrubá-lo.

Com o golpe militar de 1964 - que inicialmente apoiou - veria não somente o fim da eleição presidencial direta, no ano seguinte, mas também a cassação de seus direitos políticos. Perseguições de toda espécie visavam não somente a constrangê-lo mas também a contribuir para apagar da memória popular a figura daquele ex-presidente civil que terminara seu quinquênio com aprovação popular superior à que tivera no início dele, conquistando adversários e não decepcionando eleitores.

Vitorioso contra tais forças do oblivion, do esquecimento, o vulto de Juscelino emerge do Letes primeiro em 2002, por ocasião das comemorações do centenário de seu nascimento e, depois, no verão de 2006, em plena “juscelinomania”, transformado em Musa da estação ao se comemorarem os 50 anos de sua posse na presidência do Brasil.